

Laura Ribeiro Pereira

# “Nem vítimas nem terroristas”

É assim que a advogada, especialista em zonas de conflitos, define os palestinos com quem trabalha

ELIANE BRUM

**A** OS 10 ANOS, LAURA RIBEIRO PEREIRA DEIXOU A CIDADE mineira de Araguari para morar na Inglaterra com a mãe. Foi recebida com tanto preconceito que a experiência assinalou suas escolhas. Aos 29 anos, ela coordena a Campanha Direito à Educação, da Universidade de Birzeit, em Ramallah, na Cisjordânia. Laura investiga casos de estudantes e professores palestinos presos ou impedidos de ultrapassar fronteiras e barreiras militares nos territórios ocupados. Seus relatórios são divulgados pela internet e discutidos em Parlamentos da Europa. No fim de setembro, ela veio a São Paulo para participar do seminário “Antídoto”, do Itaú Cultural, com líderes de ações culturais em zonas de conflito.

**ÉPOCA** – Você chegou à Palestina há dois anos para ver a realidade de perto. O que a surpreendeu?

**Laura Ribeiro Pereira** – O tamanho do lugar. Tudo é muito perto. Você percebe que estão lutando sobre uma terra muito estreita, nesse espaço se encaram o tempo todo. De onde eu moro, em Ramallah, vejo as luzes de Tel-Aviv. Tudo é muito mais complexo do que parece. Também para os israelenses, que vivem um caos de identidade. A maioria dos judeus de Israel veio dos países árabes e tem uma cultura árabe. Agora, tiveram de deixar essa identidade para criar uma identidade única, assim como os judeus que vieram da Europa, da América. Fico imaginando esses soldados israelenses que, dos 18 aos 22 anos, tão jovens, têm poder absoluto sobre a vida dos palestinos nos checkpoints (*postos de controle militares – hoje existem mais de 500 só na Cisjordânia*). Quando voltarem, que tipo de cidadãos serão? Às vezes há encontros muito intensos. Uma amiga minha, uma poeta palestina que vive em Nova York, foi visitar a família. O soldado perguntou: “De onde você é?”. Ela disse: “Sou daqui”. O soldado reforçou: “Você é de Israel?”. Ela retrucou: “Não, sou daqui. E você, de onde é?”. Ele ficou nervoso: “Eu é que sou daqui”. Ela disse: “Mas eu sou daqui, tenho a chave da casa da minha avó aqui”. São seres humanos, isso deve mexer com eles.

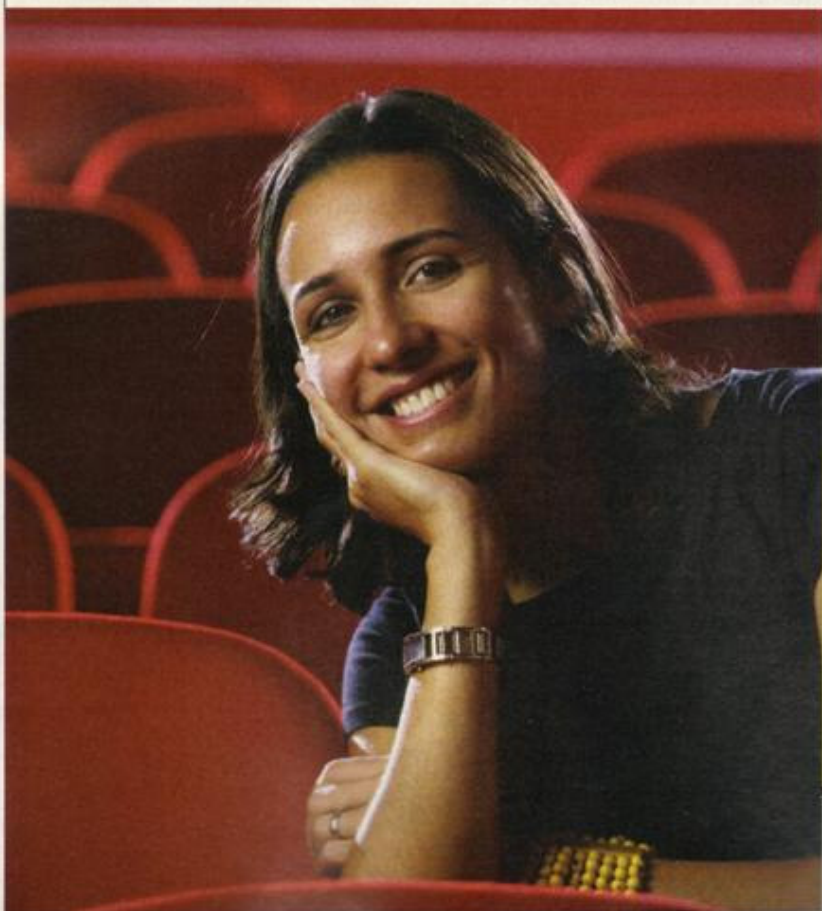
**ÉPOCA** – A maioria de nós acompanha o conflito pela TV, sempre miséria e violência. Como é a vida cotidiana?

## ► QUEM ELA É

Graduada em Direito pela School of Oriental and African Studies (Soas), de Londres, com pós-graduação em Direito Internacional e Desenvolvimento

## ► O QUE ELA FAZ

É coordenadora da Campanha Direito à Educação, da Universidade de Birzeit, em Ramallah, na Cisjordânia. Antes, trabalhou na ONG Global Witness, na pesquisa de conflitos na África ligados à indústria de diamantes, e atuou no direito de asilo político de imigrantes na Inglaterra



**Laura** – Tenho muitos amigos, europeus, que ficam chocados com os soldados armados, mas para mim isso não choca, sempre vi a polícia militar no Brasil, já passei por tiroteio no Rio de Janeiro. O que acho difícil é a instabilidade. A gente não consegue planejar o dia porque pode ter morrido alguém, e tudo fecha de uma hora para outra em solidariedade à família. A rede de informações funciona bem, sempre alguém fica sabendo quando vai ocorrer uma invasão e avisa todo mundo. O mais duro, eu acho, é a humilhação cotidiana nas barreiras, os soldados impedindo a entrada das pessoas e jogando os documentos no chão para elas se abaixarem.

**ÉPOCA** – Você trabalha com jovens universitários. Alguns deles serão os futuros líderes. Como eles vêem o conflito?

**Laura** – Eles ficam revoltados com sua imagem externa: ou são terroristas ou vítimas. É muito limitado. Ou as pessoas têm dó de você, choram ao ouvir sua história, ou têm medo de você porque você tem armas. A solução para o conflito – e ninguém hoje vislumbra uma – tem de vir de outras formas de pensar essa identidade. A maioria não está ligada nem ao Fatah nem ao Hamas (*os dois partidos que disputam o poder, um laico e o outro islâmico*). Muitos votaram no Hamas apenas para punir a corrupção do Fatah. Não acreditam que a solução venha nem de um nem de outro, mas buscam outra forma de fazer política. Fizemos uma exposição, que está viajando pelo mundo, sobre Direito à Educação. Na primeira reunião, começamos a rir. Todos tinham feito a mesma foto: esperavam um estudante passar pelo checkpoint e fotografavam. Começaram então a questionar, a pensar a educação e a si mesmos para além das barreiras.

**ÉPOCA** – Não deve ser fácil quebrar estereótipos que têm uma utilidade política para os próprios palestinos.

**Laura** – Um grupo de artistas fez uma exposição em Amã (*capital da*

“  
Os europeus se chocam com os soldados armados. A mim, não choca. Já vi a polícia no Brasil e passei por tiroteio no Rio”



**IDENTIDADES** Crianças palestinas passam pelo checkpoint a caminho da escola (*acima*). Mas a vida cotidiana se impõe apesar do conflito: ao centro, um artista colore um campo de refugiados; abaixo, as roupas coloridas desafiam o cinza do muro construído por Israel na Cisjordânia

*Jordânia*) chamada *Invisível*. A imprensa teve grande interesse porque eram palestinos. Eles haviam fotografado pessoas, momentos, a neve em Ramallah, porque lá neva, é verde, é montanhoso, e não apenas cinza e concreto como a gente vê pela TV. Alguns reclamaram: cadê a muralha (*o muro construído por Israel para isolar a Cisjordânia*)? Você se chama palestino, mas abandonou sua causa? Eles são palestinos, sua identidade está internalizada, mas não precisam ficar sempre relatando a história para ser reconhecidos. São pessoas. Hoje há um movimento que está subjetivando essa identidade. Nesse contexto também apareceu o hip-hop, estão fazendo mais filmes de ficção, e não só documentários. É uma experiência de libertação pela expressão.

**ÉPOCA** – Há preconceito também na forma como as pessoas que trabalham para as ONGs e para a ONU vêem a população local? Você diz que não salva ninguém...

**Laura** – Não acho que seja papel de alguém ir para outro país e salvar algo. Na atitude de salvar alguém, você já diz qual é o problema da pessoa e que ela precisa do seu resgate. Quem é você para resgatar? Mas acredito que você pode contribuir para algum processo que é do outro. Essa necessidade de salvar atrapalha. Tenho amigas que entram em crise porque vieram para ajudar a humanidade. Acham que a solução de uma coisa é tão simples quanto isso. Acabam vendo as pessoas como vítimas e acham o máximo que elas sorriam. As pessoas não estão na Palestina ou em qualquer outro lugar numa condição passiva, esperando a salvação, esperando você aparecer. Estão fazendo comédia, fazendo música, se amando, estão vivendo.

**ÉPOCA** – É cada vez maior o número de palestinos que se tornaram religiosos nos últimos anos. Por quê?

**Laura** – Acho que a melhor resposta foi dada pela mãe de uma amiga. Ela disse: “Deus é constante”.